

Rascunho de Velharias de Entre-Lima-e-Minho

(Continuado d' *O Arch. Port.*, xxviii, 158)

17—Castro roqueiro de Grade

Dos leitores d'este *Rascunho*, em que vou inscrevendo memória de «velharias», que as idades foram deixando pelos córregos das serras minhotas de Além-Lima, já não é desconhecida a áspera freguesia de Grade do antigo *judicato de Valle de Vice*, pela notícia que lhes dei do *Santo Lenho*, que a sete chaves se guarda num tabernáculo da igreja (*O Arch. Port.*, xxvi, 261), pelo estudo de uma rudíssima estela funerária lusitano-romana, terminada por tóscio frontão, que uma cruz gravada equilátera ornava (*op. cit.*, ix, 74) surpreendentemente, e ainda pela sepultura rupestre do n.º 16 do anterior *Rascunho*.

Mas ainda no coice destas velharias, tem a serrana freguesia de Grade um sítio a memorar e que, de motu-proprio, visitei em Setembro de 1895. Desliza-me pelo bico quasi trémulo da pena a exclamação desenganada: *ó tempora! o mores!*

É um castro curioso, verdadeiro ninho roqueiro que surge, como uma pirâmide esguia, da margem do rio, em cujo leito, erichado de penedia, a água espumeja bravia, escoada lá do *Alto da Pedrada*, a quasi 1:500 metros de altitude. Esse morro inexpugnável termina no cume por uma esplanada de fórma elíptica, que não tem mais de 70 passos no seu maior eixo. Do lado do nascente, uma ravina de uns 20 metros de altura separa-o dos flancos montanhosos do terreno. Para o poente, o pendor do cabeço é notavelmente íngreme e embaraçado de fragas.

Mesmo assim, tal a fama da audácia dos vizinhos ou dos invasores longínquos! os castrejos construíram muralhas, de que restavam vestígios, de pequeno módulo mas sem aparelho. Dentro ainda se reconheciam os alicerces das casotas, em cuja fórma não havia realmente uniformidade e, na espessura das paredes, não se diferenciavam das outras estações contemporâneas. Restos da cerâmica rude dos castros, com a pasta arenosa e micácea, e pequenos pedaços de escumalho das forjas, encontravam-se pelo solo. A notícia de utensílios de pedra polida, colhidos aqui e além, aproximava esta estância proto-histórica das idades que a viram formar-se primitivamente. O sedentarismo das populações enraizadas ao seu chão, como searas dêle, através de longas épocas e da evolução das civilizações, é fenómeno que nem sempre a rede varredoura dos invasores destrói.

Junto do caminho, que leva a estes sítios, há uma *pôça*, tal é a denominação das pequenas represas de águas de rega que se topam pelos campos. Pois dessa *pôça*, contaram-me uma lenda ou talvez um facto.

Havia em Cabana-Maior, freguesia a montante de Grade e sua vizinha, um homem muito abastado em cabeças de gado, da família dos Subvinhas, acrescentava o informador. A manada vinha a beber a esta *pôça*, mas tal era o número de reses, que a água faltava para as regas dos de Grade. O caso foi levado para os tribunais e a sentença final foi favorável aos consortes de Grade; esse importante documento existe ainda, assim mo assegurou o bom pároco de então, cioso dos interesses legítimos dos seus fregueses.

18.—Anaglifo em campã medievã

Loureda é uma das mais velhas freguesias do concelho dos Arcos de Valdevez, *collatio sancti Michaelis de Loureda*, do *judicatio de Valle de Vice*, segundo as Inquirições de 1258. Marginal do rio *Vez* ou *de Vez*, como melhor se dizia outrora, e já na zona do seu curso, onde o leito começa de tornar-se mais frágil e onde recebe o tributo do espumante rio de Cabreiro, qual dêles mais alto e longe penetra no dorso alcandorado da serra da Peneda e de Soajo, esta paróquia é das de mais apoucadas balizas.

A testemunhar a sua bela antiguidade encontrei, servindo invertida de gárgula ou cãleira da extremidade de um rêgo de água, a pedra que a fig. 1 representa por um desenho que fiz à vista¹.

É um curiosíssimo e raro fragmento de tampa de sepultura medieval, constituída por um carneiro trapezoidal de granito, que foi encontrado no próprio adro da igreja paroquial. A cavidade dessa pedra era mumiforme e a tampa era precisamente a antigualha que se reproduz aqui; a sua parte restante tinha sido destruída. Nesse cemitério apareceram também mós manúarias.

Como se pode inferir, a sepultura devia ter sido aparente, mas o carneiro soterrado. Pelo côrte, reconhece-se que é uma tampa de fôrma abaúlada e a sua face superior tem labores de relêvo pouco saliente.

Parece ter-se querido representar um corpo humano um tanto esquematizado, em que o braço direito sustenta na mão um artefacto

¹ Está hoje na secção lapidar do Museu Etnológico do D.^{or} J. Leite de Vasconcellos, por pronta cedência do meu falecido e generoso amigo João Augusto Pereira Gomes, em Setembro de 1896.

circular de relêvos concêntricos boleados, talvez escutiforme, e o outro apoia a mão correspondente no tronco, reduzido a um simples toro.

Em situação superior a esta parte do corpo, que parece corresponder ao tronco da figura jacente, vêm-se dois discos análogos ao referido, um ao lado do outro, compostos também de pequena saliência hemisférica central e dois cordões lisos concêntricos em relêvo, que a circundam. Pela situação em que se encontram, estes dois anaglifos simétricos parecem meramente ornamentais. Qualquer outra interpretação figura-se-me absurda.

Desconheço campas de sepulturas que se lhe possam comparar e apenas, do local do achado, poderei inferir que este raríssimo exemplar datará da época asturiana, e como arte, poderá denominar-se pre-românico.

É certo porém que, a interpretar-se o disco inferior como um escudo, a sua época, avaliada só pela sua forma, teria de se recuar bastantes séculos, o que é inadmissível pelo rito de inumação cristã, a que pertence. Menos ainda como pátera pagã.

A parte que poderia corresponder ao rosto da figura jacente não tem relêvo, talvez por ter sido desgastada.

A largura desta pedra é de 0^m,55; a espessura 0^m,08 e a forma transversal é côncavo-convexa.

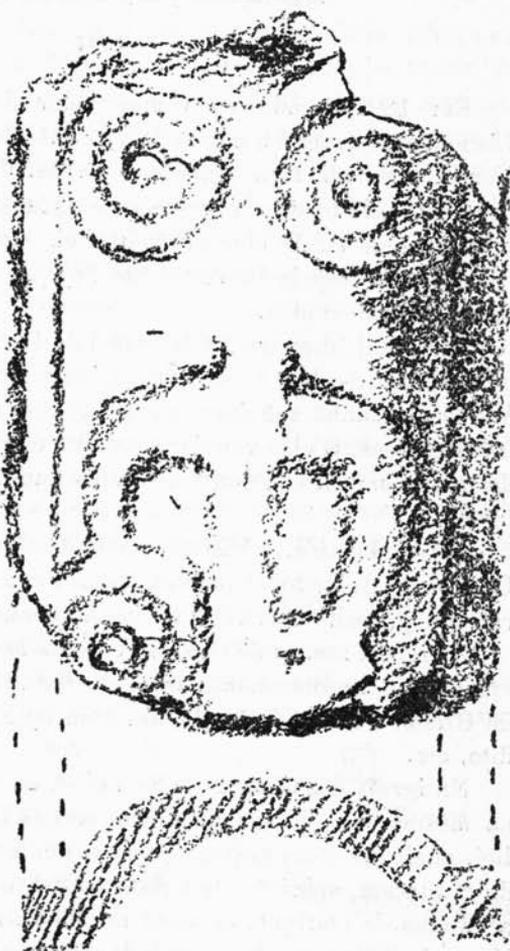


Fig. 1